

Alteridade e interseccionalidade: reflexões sobre a velhice no tempo da COVID-19

Alterity and Intersectionality: Reflections on Old Age in the Time of COVID-19

Sonia Kruks*
(Oberlin College. USA)

Tradução de Lucas A. J. Pinheiro**

Revisão técnica de J. Lins Brandão***
Magda Guadalupe dos Santos****

RESUMO

Este artigo parte da descoberta da própria autora, durante a epidemia de COVID, de que havia se tornado uma pessoa “velha”. O artigo examina as formas como os velhos estão sujeitos a modos distintos de alteridade e exclusão social, bem como ao que Simone de Beauvoir (em *La Vieillesse – A Velhice*) chama de “conspiração do silêncio” na sociedade ocidental contemporânea. Tal exame se amplia para documentar como essa conspiração geral do silêncio também permeou durante muito tempo o feminismo e continua a permear a teoria feminista. É especialmente surpreendente – e preocupante – que as considerações sobre a velhice estejam

* **Sonia Kruks. Professora emérita do Departamento de Política, Oberlin College, Oberlin, OH 44074, EUA.**
E-mail: sonia.kruks@oberlin.edu

Ela ocupa a cadeira Robert S. Danforth de Política na Faculdade do Oberlin College, Estados Unidos da América. Seus interesses de pesquisa estão nas interseções da fenomenologia existencial com o feminismo e outras teorias políticas. É autora de *Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity* (Oxford University Press, 2012), *Retrieving Experience: Subjectivity and Recognition in Feminist Politics* (Cornell University Press, 2001, 2018), *Situation and Human Existence: Freedom, Subjectivity and Society* (Unwin Hyman/Routledge, 1990, 2019), *Political Philosophy of Merleau-Ponty* (Harvester Press/Humanities Press, 1981). Ela atua no Conselho Consultivo da *Simone de Beauvoir Studies* e no Conselho Editorial de *Sartre Studies International*.

Thanks to the Author - Agradecimentos à Autora

We thank Professor Sonia Kruks, Oberlin College, USA, for her cordiality in clarifying terms, expressions, passages, and references in this translation.

It was a great pleasure and a great honor for us, working in the technical review of the journal *Virtuajus* of the College of Law of Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brazil, to have had the opportunity to dialogue, for three months, with such a brilliant author and insightful interlocutor in the modulation and symmetry of texts in English and Brazilian Portuguese.

We would also like to thank **Cambridge University Press**, publisher of the academic journal *Hypatia*, for giving us the opportunity to translate and publish the text in Brazilian Portuguese.

The original paper:

Kruks, Sonia. Alterity and Intersectionality: Reflections on Old Age in the Time of COVID-19. *Hypatia*. A Journal of Feminist Philosophy. Cambridge University Press, (2022), 37, 196-209.

Equipe de tradução

** Tradutor. Bacharel em Direito pela Faculdade Mineira de Direito-FMD. PUC Minas. Mestrando em Direito pela Faculdade de Direito da UFMG. E-mail: l.pinheiro@outlook.com

*** Revisão técnica. Doutor em Letras Clássicas. Professor emérito da FALE. UFMG. E-mail: linsbrandao@gmail.com

**** Revisão técnica. Doutora em Direito Civil. Professora de Filosofia da Faculdade de Direito da PUC Minas e da Faculdade de Educação e História. FaE. UEMG. E-mail. magda.santos@uemg.br

de todo ausentes das atuais análises interseccionais de outras formas importantes de opressão, como gênero, raça e classe. Se a teoria feminista quiser cumprir eficazmente a sua missão, como corpo de teoria crítica que se relaciona com as opressões atuais e informa práticas políticas resistentes, então precisa urgentemente ampliar a sua missão para examinar a velhice. Pois a velhice é ao mesmo tempo uma posição social opressiva em si mesma e um lugar em que múltiplas outras opressões se cruzam. Além disso, ignorar a velhice dificulta o próprio trabalho teórico sobre questões vitais como vulnerabilidade, poder, justiça, liberdade e possíveis fundamentos para a solidariedade política.

Palavras-chave: alteridade, Beauvoir, COVID-19, idade, interseccionalidade, Teoria Feminista, velhice.

ABSTRACT

This paper begins from the author's own discovery, during the COVID epidemic, that she has become one of the "old." The paper explores the ways in which the old are subject to distinctive forms of alterity and social exclusion, and to what Simone de Beauvoir (in *La Vieillesse*; *Old Age*) calls a "conspiracy of silence," in contemporary Western society. This exploration is then extended to document how the general conspiracy of silence has also long pervaded feminism and continues to pervade feminist theory. It is especially striking – and troubling – that considerations of old age are ubiquitously absent from current intersectional analyses of other major forms of oppression such as gender, race, and class. If feminist theory is effectively to fulfill its mission as a body of critical theory that bears on current oppressions and informs resistant political practices, then it urgently needs to extend its remit to examine old age. For old age is both an oppressive social location in itself and a site where multiple other oppressions intersect. Additionally, ignoring old age hampers theoretical work itself concerning such vital issues as vulnerability, power, justice, freedom, and possible groundings for political solidarity.

Keywords: age, alterity, Beauvoir, COVID-19, Feminist Theory, intersectionality, old age.

Houve um dia, em março de 2020, em que descobri que estava velha. Ocorreram, é claro, avisos numerosos de que a velhice era iminente, mas não haviam "realmente" definido, para mim, o meu ser. Alguns anos antes fiquei surpresa quando as pessoas começaram a oferecer-me o assento no ônibus ou no trem lotado. A princípio, eu educadamente recusava; posteriormente, decidi que aceitaria essas demonstrações de gentileza, porque negá-las parecia indelicado e, aceitando-as, encorajaria um comportamento atencioso do qual "outros" se beneficiariam. Recentemente, na medida em que meus pés começaram a doer mais, muitas vezes fico feliz em aceitar o assento pensando só em mim. Ocorreram outros avisos também: alguns de natureza física, como precisar de luz mais forte para ler e a rigidez em meus joelhos. Também ocorreram sinais de que meu mundo cultural, intelectual e profissional, um mundo em que estou profundamente enraizada, está passando: estudantes agora vivem num mundo de mídia *on line* que me é estranho e alguns dos meus colegas declaram achar meu interesse pela pesquisa sobre Simone de Beauvoir um pouco antiquado (não concordo com eles, naturalmente). Mas nada disso de fato me definia, para mim mesma, como "velha". Certamente, como uma mulher comum, branca, ao final da meia-idade, eu não pensava que "parecia ter a minha idade". Com certeza ainda não tinha me tornado um membro daquela detestável "espécie estrangeira" cuja presença se esconde dentro de nós e que eu, como a maioria, tão veementemente buscava negar.

Mas então, naquele dia de março, enquanto o número de mortes por COVID-19 começava a aumentar na Grã-Bretanha (onde eu vivia temporariamente), a instrução firme veio

por meio do noticiário de TV: os “idosos” – um eufemismo para os velhos, e uso o último termo deliberadamente – eram uma categoria de “alto risco”.¹ Eles estavam especialmente sob o risco de morrer por causa do vírus e deveriam isolar-se; deveriam evitar sair de casa ou misturar-se com os outros (exceto em emergências extremas) por pelo menos as próximas doze semanas. Vizinhos e amigos foram encorajados a oferecer ajuda a esses velhinhos auto-isolados, averiguando se precisavam fazer compras ou resolver incumbências, ficando gentilmente de olho neles. Meu primeiro pensamento foi que eu deveria verificar o velho casal descendo a rua. No entanto, veio a constatação chocante: a velha era eu! Agora com setenta e três anos de idade, eu era um daqueles indivíduos de “alto risco”, que, longe de ajudar os outros, estava sendo informada que precisava da ajuda dos jovens saudáveis. Minha idade cronológica, que até então não correspondia ao meu próprio senso de mim mesma, foi, do exterior, subitamente empurrada sobre mim: isso se tornou um fato determinante da minha existência, que, a partir de então, impregnou minhas experiências na vida cotidiana.

Pelo menos nos primeiros dias da epidemia, à medida em que as mortes diárias aumentavam (e antes de os números se tornarem tão esmagadores), as ordens eram anunciadas pelo governo em conjunto com a mensagem, presumivelmente destinada a tranquilizar o público, de que aqueles que morreram “eram idosos e tinham comorbidades”. O que eu deveria fazer diante dessa garantia? Certamente não era direcionada a mim. Não era, de forma alguma, tranquilizante. Eu era, me perguntei, um desses indivíduos com “comorbidades”? Bem, eu tinha a pressão arterial um pouco alta e um nível de açúcar no sangue levemente elevado, mas, com certeza, “não”, eu não tinha realmente perigosas comorbidades, ou tinha? Mas isso importava? Minha idade em si mesma, ao que parecia, era a principal “comorbidade” e as mensagens tranquilizadoras definitivamente não eram direcionadas a mim ou a outros velhos. Ao contrário, estavam nos excluindo do “público”. Estavam dizendo ao resto da sociedade: “não há muito com o que se preocupar; não é você quem vai morrer, mas apenas os idosos. Somente os velhinhos vão morrer.” Essas mensagens foram o início de uma mudança significativa – envolvendo desde um aparentemente atencioso cuidado com o bem-estar dos velhos até a nossa exclusão da população adulta “normal”.

Mas então, uma nova e mais alarmante mudança se iniciou. Enquanto surgiam preocupações sobre a falta de leitos de tratamento intensivo e de respiradores, questões de “triagem” começaram a ser debatidas. Agora, parecia, eu pertencia a um grupo descartável: simplesmente com base na idade, alguns argumentavam, às pessoas mais velhas deveria ser negado o tratamento necessário.² Cálculos sobre a “maximização do número de anos de vida salvos”, ao reservar-se equipamentos somente para pacientes mais jovens, justificariam automaticamente negar tratamento às pessoas além de uma certa idade.³ Embora a idade não tenha sido publicamente admitida como o critério exclusivo para excluir as pessoas do tratamento, de fato essas políticas começaram a ser promulgadas. Em partes da Inglaterra, em abril de 2020, equipes de ambulância foram instruídas a não transportar os “frágeis” idosos e pessoas que se encontravam em asilos, requerendo-se dos médicos de família que pedissem a seus pacientes mais velhos que assinassem ordens de que “não fossem ressuscitados” (Calvert; Arbuthnott, 2021, p. 262-291). Conquanto se possa argumentar em favor da priorização de pacientes mais jovens se os recursos médicos são escassos, ainda assim a mensagem social e

¹ Muito se evita eufemisticamente os termos velho e velhice, como, por exemplo, quando se fala de “senhores”, “idosos”, “os anciãos” ou “os longevos”. Nós envelhecemos através do curso de nossas vidas e, na sociedade ocidental, somos continuamente classificados por idade de uma forma ou de outra (por exemplo, como “adolescentes” ou de “meia-idade”; como da “geração do milênio” ou da “geração X”. O início disso é indeterminado, mas a velhice é um período *sui generis* da vida que precisa ser chamado pelo seu nome próprio.

² Enquanto pesquisas sobre vacinas e tratamentos prosseguiram em 2020, na maioria dos testes clínicos optou-se por excluir pessoas com mais de sessenta e cinco anos de idade como amostras de estudo (Helfand et al., 2020).

³ Sobre os “anos de vida salvos”, veja-se Feinsten *et al.*, (2020). À medida em que vacinas começaram a ser disponibilizadas, mas ainda estavam com uma oferta muito baixa, a questão dos “anos de vida salvos” foi novamente debatida. Por exemplo, Peter Singer defendeu que “o objetivo que deveríamos traçar seria reduzir os anos de vida perdidos”. Veja-se Bazelon (2020).

existencial que vinha sendo transmitida era alta e clara: nós, velhos, somos, *por definição*, descartáveis. Nossa vida, estavam nos dizendo, tinha pouco valor. Mas, apesar de minha descoberta pessoal de que sou velha, uma indesejada, uma supérflua “outra” ter sido provocada por essas mensagens durante os primeiros estágios da epidemia de COVID-19, minha descoberta dificilmente seria única. De fato, a epidemia somente intensificou a exclusão “normal” dos velhos do resto da sociedade.

Não surpreendentemente, muitos dos não-velhos ficaram indiferentes aos riscos muito maiores que os velhos enfrentavam pela COVID-19 e, ao longo dos meses seguintes de 2020, os jovens especialmente tiveram pouca consideração com sua segurança. Estudantes se reuniam em praias, pessoas mais jovens se amontoavam, sem máscaras, em frente a bares e assim por diante, ignorando negligentemente o risco que seu comportamento impunha aos velhos. Com efeito, essa falta de preocupação foi também altamente *trompeteada* (sem trocadilhos) por Donald Trump. Visando a minimizar o número de mortes por COVID-19 nos Estados Unidos, ele (re)tuitou, no final de agosto de 2020, a afirmação de que essas mortes eram na verdade só 9.000 (ao invés da estimativa do CDC, de quase 200.000), já que “a maioria das mortes são de americanos muito velhos (*sic*) com comorbidades”.⁴ Quando as infecções atingiram o pico em Utah, no final de outubro de 2020, e respiradores se tornaram escassos, Greg Bell, presidente da Associação Hospitalar de Utah, teria dito: “No final do dia, é provável que uma pessoa idosa versus alguém jovem e sadio não seria escolhida”. A velhice aparentemente era o único critério a ser utilizado na alocação de recursos.⁵

Envelhecer é um processo biológico. Embora as contribuições de teorias sócio-construtivistas, análise do discurso, desconstrução e estudos de governabilidade sejam incomensuravelmente importantes para o entendimento de como sistemas de opressão funcionam, incluindo a opressão à velhice, não se pode fugir do fato de que todos os corpos envelhecem.⁶ Na verdade, as taxas de mortalidade por COVID-19 são, por si mesmas, evidência brutal disso: ao final de 2020, com vacinas ainda parcamente disponíveis, cerca de 80% de todas as mortes nos Estados Unidos eram de pessoas com mais de sessenta e cinco anos de idade, sendo que essa faixa etária compreende apenas 16,5% da população.⁷ Existem, é claro, divergências consideráveis em como as taxas de mortalidade são calculadas (e, às vezes, ocultadas). Previsivelmente, a COVID-19 não é, como foi dito a princípio, uma doença com “probabilidade igual”, já que as taxas de mortalidade também são mais elevadas para pessoas jovens entre grupos desprivilegiados socialmente, de modo notável os afro-americanos, os nativo-americanos e os grupos latinos, além de (frequentemente em categorias sobrepostas) trabalhadores “essenciais” de baixa renda e trabalhadores “informais” que não podem “ficar em casa”. Todavia, é claro que a COVID-19 era (e ainda é) uma doença ameaçadora, sobretudo à vida dos velhos. De fato, ainda que as taxas de infecção sejam muito mais elevadas em grupos minoritários de todas as idades, a grande maioria das mortes entre a população negra e latina era de pessoas que também tinham mais de sessenta anos de idade.⁸

⁴ *The New York Times*, 30 de agosto de 2020.

⁵ Citado em Spells (2020).

⁶ Portanto, concordo com Susan Wendell sobre o fato de que “é selvagemmente otimista imaginar que justiça social, um ambiente saudável e avanços médicos possam eliminar a maioria das doenças e limitações físicas da meia-idade e da velhice. Algumas das mais privilegiadas pessoas de meia-idade e de velhos ficam doentes; espalhando seu nível de privilégio a todos no mundo, se fosse possível, não seria o suficiente” (Wendell, 1999, p. 135).

⁷ De acordo com dados do CDC (Centro para Controle e Prevenção de Doenças), de “todas as mortes envolvendo Covid”, ao final de dezembro de 2020, mais de 80% eram de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos (https://www.cdc.gov/nchs/nvss/vsrr/covid_weekly/index.htm#SexAndAge).

⁸ Membros de grupos minoritários estavam morrendo tanto em taxas maiores como em idades menores que pessoas brancas. Mas, embora a taxa de mortalidade ajustada à idade para pessoas Negras (*Black people*) seja 3,6 vezes mais alta que para brancos (*whites*) a maioria dos que morreram também tinha 65 anos de idade ou mais. Vejam-se Ford, Reber e Reeves (2020); Zelner *et al.* (2021). Na metade de 2021, com a vacinação amplamente distribuída entre os idosos, uma porcentagem maior de mortes estava ocorrendo entre pessoas jovens, especialmente aqueles pertencentes a grupos minoritários com baixas taxas de vacinação. Entretanto, de acordo com dados do CDC, 62%

Existe, portanto, uma verdade inescapável: a correlação entre velhice e alta vulnerabilidade à COVID-19. Mas o que é flagrante é o efeito dessa correlação em ampliar a (já ubíqua) exclusão dos velhos, consolidando sua situação como o que Simone de Beauvoir chama “o Outro”. Em seu inovador estudo sobre a velhice, intitulado *La Vieillesse*, 1970, (na versão em inglês, *Old Age*, 1970, ou *The Coming of Age*, 1972; em português, *A Velhice*, 1970), ela argumenta que a forma como a sociedade moderna percebe e trata seus idosos é indicativa da falha existente em todo o seu sistema de valores – e ela com certeza está certa (Beauvoir, 1970a, p. 568-570; 1972, p. 542-543; 1970b, v. II, p. 301-303).⁹ Beauvoir tinha elaborado a noção de “o Outro” em *O Segundo sexo*, neste caso em relação às mulheres. “O homem”, ela argumenta, define a norma do “humano”, em relação à qual a mulher é constituída como um ser deficiente (Beauvoir, 1949/2010, p. 6; na edição brasileira, 1980, v. I, p. 10). A mulher é uma criatura estranha, ambígua, de alguma forma ao mesmo tempo humana e, ainda assim, menos que humana: “o Outro”. A demonstração feita por Beauvoir de como a outridade – ou alteridade – das mulheres se perpetua na sociedade moderna, como ela forma a sua “experiência vivida” e impede a sua liberdade, permanece um recurso-chave para o feminismo. Ela teve também um significado muito mais amplo. Pois, embora seu relato da alteridade das mulheres tenha sido criticado pela falta de atenção à diversidade de raça e classe, seus postulados fundamentais têm sido frutiferamente reelaborados e estendidos para abranger também essas diferenças. Seu trabalho continua a oferecer recursos conceituais-chave para explorar as alteridades que se cruzam e que estão mutuamente implicadas, vivenciadas por aqueles cuja raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social e/ou capacidades não se conformam com as normas dominantes das sociedades ocidentais contemporâneas.

Entretanto, a velhice continua sendo uma omissão gritante na maioria das análises interseccionais, ainda que a “juventude” continue sendo a norma hegemônica tanto quanto também são a masculinidade e a branquitude – e essa é a norma contra a qual os velhos são constituídos como “o Outro”. Em *A Velhice*, assim como em *O Segundo Sexo*, Beauvoir foi pioneira num novo caminho de crítica social que ainda não está percorrido como deveria. O livro fornece um relato extensivo de como a velhice é constituída e experienciada como um outro local persistente de alteridade, descrevendo-se os aspectos diversos de opressão cultural e material que podem acompanhá-la. Contudo, como Beauvoir observa, a alteridade da pessoa velha ainda é normalmente camuflada pelo silêncio: “É exatamente esse o porquê de eu estar escrevendo este livro” – ela afirmou na introdução – “para quebrar a conspiração do silêncio” (Beauvoir, 1970a, p. 8; 1972, p. 2; 1970b, v. I, p. 6).¹⁰

Como alguém “se torna mulher” e como alguém “se torna velho” estão longe de ser experiências idênticas, embora se combinem de várias formas para aquelas que se tornam mulheres velhas. Gênero, também raça e etnia, são rótulos geralmente “dados” ao nascer, os quais as pessoas carregam consigo, como algo integrante de si mesmas, ao longo da vida. As consequências sociais e implicações pessoais se alteram com o tempo, mas, para a maioria das pessoas, permanecem como aspectos contínuos de sua existência.¹¹ Porém não vivemos toda a duração de nossas vidas como “velhos”. Embora estejamos envelhecendo continuamente, a velhice é *sui generis* na medida em que é um novo aspecto de nossa existência, que surge ao

das mortes atribuídas à COVID-19 ainda eram de pessoas de idade igual ou maior que sessenta e cinco anos durante o mês de julho de 2021 (https://www.cdc.gov/nchs/nvss/vsrr/covid_weekly/index.htm#SexAndAge).

⁹ Eu prefiro usar o contundente e mais preciso título britânico, *Old Age*, ao invés do título estadunidense, *The Coming of Age*. A paginação é a mesma em ambas as edições de língua inglesa. (Indicam-se aqui também as páginas da edição brasileira de *A Velhice*, de 1970).

¹⁰ Kathleen Woodward observou, em 1999, que *Old Age* ainda era quase totalmente ignorada em pesquisas feministas sobre Beauvoir, um indicador de como o “etarismo” também estava “impregnado no próprio feminismo” (Woodward, 1999, xi). Isso pouco mudou nas últimas duas décadas, embora haja agora uma literatura especializada, pequena mas de alta qualidade, sobre o livro. Notavelmente, vejam-se os vários e excelentes capítulos em Stoller (2014). Vejam-se também Miller (2001); Deutscher (2003; 2008; 2017); Lenon; Wilde (2019).

¹¹ Pode haver, é claro, exceções, notavelmente para pessoas transgênero ou, às vezes, para aqueles que “atravessam” algum momento de suas vidas.

descobrirmos que é o que agora “nos tornamos”. Ademais, a velhice é *sui generis* na medida em que, exceto nos casos de morte prematura, é uma experiência universal. Independentemente de quão diferentes somos e de se somos socialmente privilegiados ou marginalizados, todos vamos descobrir que nossos corpos mudam na medida em que envelhecemos. As articulações enrijecem, os reflexos tornam-se lentos, a função pulmonar diminui e assim por diante. Mas, apesar de serem mudanças corporais inevitáveis, outras alterações não são. Pois o que poderia ser evitado é a alteridade do idoso. Eles (os velhos) não precisam ser submetidos aos fenômenos estruturais e culturais que se reforçam mutuamente e os excluem da vida na sociedade, os humilham e muitas vezes os condenam à pobreza.

Como Beauvoir escreve, contra a norma do “adulto ativo”, os velhos, em nossa sociedade, são vistos como uma “espécie estrangeira”. Essa espécie é assustadora. É um objeto de horror e aversão que pode causar “repugnância biológica”, de modo que, “em uma forma de autodefesa, a afastamos de nós” (Beauvoir, 1970a, p. 231; 1972, p. 217, 1970b, v. I, p. 243). Ainda assim, do início da idade adulta em diante, ainda que tentemos negá-lo, sabemos que essa espécie já habita dentro de nós. Então, seus membros, na medida em que sejam visíveis, são arautos não só de nossa própria debilidade e morte, mas também de nossa exclusão iminente e do nosso *status* social diminuído. Os velhos são frequentemente alvo de representações na mídia e na cultura popular que vão da condescendência ao ridículo e, às vezes, à crueldade descarada. No tipo de desonestidade que Beauvoir denomina “má-fé”, tentamos manter a maior distância possível entre nós e aqueles que vemos como “velhos”: eles são “o Outro”, não nós.¹²

Segue-se que, quando se vira a mesa e começarmos a ser contados entre os velhos, nossa própria e temida velhice não se nos mostra de início por nossos corpos decadentes (embora inegavelmente decaiam), nem por nossa perspectiva do tempo que se encurta (embora a morte possa ser sentida mais de imediato), mas, sim, pelos outros: “Dentro de mim está o outro, ou seja, a pessoa que sou para os outros, que é velha” (Beauvoir, 1970a, p. 302; 1972, p. 282/3, 1970b, v. II, p. 7). E “é normal que a revelação de nossa velhice venha dos outros, já que é o outro dentro de nós que é velho” (Beauvoir, 1970a, p. 306; 1972, p. 288, 1970b, v. II, p. 12). Além disso, porque nós por muito tempo compartilhamos a repulsa geral ao que estamos nos tornando, a vergonha e a auto-aversão (somando-se à vergonha já existente para alguns grupos) são componentes da descoberta de que somos velhos. Numa profunda auto-alienação, tornamo-nos também um “outro” para nós mesmos.

Por tanto tempo quanto possível nos recusamos a aceitar que essa designação nos pertença: é o que Beauvoir chama de algo “irrealizável”. Ela descreve um período de “oscilação”, no qual vacilamos entre uma “certeza interior” de que somos a “mesma” pessoa que sempre fomos e a nova “realidade objetiva” da velhice lançada sobre nós do exterior. Como um tipo de “ultraje”, ela escreve, descobrimos que “devemos assumir uma realidade que indubitavelmente somos nós, ainda que venha do exterior e permaneça incompreensível para nós” (Beauvoir, 1970a, p. 308-309; 1972, p. 290; 1970b, v. II, p. 15). Quando as pessoas começaram a me oferecer o assento no ônibus houve um súbito choque na medida em que encontrei a evidência “objetiva” de que estava velha. Mas, ainda que aparentemente agora “eu pareça ter a minha idade” (ao menos para algumas pessoas), ainda não acredito que o que eles viam se aplicava ao “verdadeiro” eu. Porém, naquele dia de março, quando se dizia aos velhos que se isolassem, a oscilação acabou: eu agora pertencço não só a uma categoria clinicamente “em risco”, mas à detestada categoria social dos “velhos”. Isso também significa que agora pertencço a uma categoria cuja exclusão do “público” e da vida social “adulta” é vista como normal.

¹² Pessoas com deficiências também são frequentemente vistas como ameaçadores e podem igualmente incitar hostilidade. Embora certamente a velhice não deva ser confundida com deficiência, a aversão a pessoas com deficiências e aos velhos são aliadas em muitos aspectos, podendo ser útil abordá-los comparativamente. Veja-se Overall (2006) para uma comparação.

Durante o período inicial do *lockdown* da COVID-19, na primavera e no início do verão de 2020, quando aqueles que podiam trabalhar de casa foram instruídos a fazê-lo, quando escolas e muitos negócios foram fechados e a maioria das reuniões sociais foram proibidas, muita preocupação foi expressa pelos agentes públicos e na mídia sobre os efeitos psicológicos danosos do isolamento forçado sobre as “pessoas”. A ausência das rotinas diárias que normalmente levam a espaços sociais e a entrar em contato com os outros, seja para trabalho ou para muitos outros propósitos, foi vista como a criação de uma situação “anormal” e estressante. Essa situação era responsável por produzir distúrbios emocionais profundos, resultando em depressão, ansiedade, raiva, alcoolismo e assim por diante.¹³ Entretanto, na abundância de sérios conselhos de autoajuda sobre como lidar com essas condições, o que se notou é que esse tipo de isolamento foi considerado “normal” por grande número de velhos. Muitos vivem trancafiados, talvez cuidando de um parceiro debilitado ou então sozinhos; alguns estão reclusos em casa por sua condição física ou por simplesmente não possuírem um “lugar fora de casa” aonde ir; outros ficam sentados ou deitados sozinhos em salas de asilos onde recebem apenas visitas breves e perfunctórias dos funcionários ou talvez (antes da epidemia) de um membro da família. Aqueles que vivem com filhos adultos em residências multigeracionais ou têm uma rede de parentesco mais ampla podem se sair melhor.¹⁴ Mas, ainda assim, muitos sofrem por serem ignorados ou isolados, talvez até mesmo sofrendo abusos.

A idade cronológica, por si só, não define o que é ser velho. Ainda assim, por propósitos práticos, Beauvoir definiu sessenta e cinco anos (à época a idade de aposentadoria compulsória na França) como o início da velhice na sociedade moderna. Há um mérito considerável nessa definição, já que, para muitas pessoas, a aposentadoria marca uma ruptura definitiva em suas vidas¹⁵. No Ocidente, o trabalho “produtivo” e pago é fortemente identificado com o ser membro valioso da sociedade e (como as feministas ainda destacam) “trabalhos” não remunerados, em casa, não são reconhecidos, bem como ser “desempregado” ou viver de “caridade” é algo estigmatizado. Quando o emprego é servil e mal remunerado, o seu fim pode ser uma libertação, mas ainda assim frequentemente leva à exclusão social, bem como à pobreza.

¹³ O isolamento foi obviamente (e continua sendo) agravado por muitas perdas de emprego, ansiedade financeira aguda e outras preocupações, como a falta de creches. Mas como esses fatores eram menos fáceis de se abordar nos conselhos de “autoajuda”, tendiam a ser mencionados com menos frequência.

¹⁴ Uma relação de parentesco mais forte pode existir em alguns grupos minoritários. Como exemplos desse apoio familiar positivo para negros norte-americanos, veja-se Johnson; Barer (2003). Entretanto, também se deve notar que, em 2018, 41% das mulheres afro-americanas com sessenta e cinco anos ou mais viviam sozinhas (ACL, 2009).

¹⁵ Embora Beauvoir dê pouca atenção a mulheres ou a minorias, grande parte de seu retrato da velhice ainda se mantém amplamente relevante para todos os grupos sociais. Ela foca nos homens, segundo suas palavras, porque participam eles mais plenamente da vida pública e dos empregos remunerados do que mulheres, sofrendo mais as exclusões sociais que acompanham a velhice. Essa suposição já se vinha tornando problemática em 1970, mesmo na França. Hoje, muitas mulheres trabalham fora de casa e participam da vida pública, podendo também experimentar os efeitos deletérios da aposentadoria abrupta, como Beauvoir descreve. Ademais, e como ela argumenta em *O Segundo Sexo*, a velhice apresenta opressões específicas para mulheres, já que o seu “atrativo” erótico desaparece e, para muitas, seu papel materno termina (Beauvoir, 1949/2010, p. 619-637; 1980, v. II, p. 343-362). Veja-se Stoller (2014), para excelentes co-leituras de *A velhice* e *O Segundo Sexo*.

Um ponto forte da análise de Beauvoir, no entanto, é a atenção aguçada com relação a como a classe social intersecciona com a velhice. Ela enfatiza as formas pelas quais a pobreza exacerba os males da velhice para muitas pessoas e relaciona o tratamento terrível dado aos velhos na França, com a sua exploração e alienação prévia, durante toda a vida. (Veja-se também a transcrição do filme feito com ela em 1974, sobre as condições desumanizantes em asilos públicos para idosos (Beauvoir, 2012, p. 339-369). Que Beauvoir não aborde as formas como a velhice está intrincada com o racismo para membros de minorias étnicas não pode deixar de parecer uma falha para os leitores atuais norte-americanos, britânicos e outros, mas não é surpreendente, já que informações sobre as vidas de membros de grupos minoritários – de quaisquer idades – eram escassas na França quando ela escreveu. De fato, ainda são mesmo hoje. Por exemplo, em nome da cidadania universal, o governo francês não computa as taxas de COVID-19 entre minorias.

Desde quando Beauvoir escreveu *A Velhice*, em 1970, a expectativa de vida tem (pelo menos até muito recentemente) continuado a aumentar nos Estados Unidos e em outras sociedades ocidentais, ouvindo-se declarações alegres, até exageradas, de que “sessenta é o novo quarenta”, ou mesmo “setenta é o novo cinquenta”. De fato, gerontologistas e especialistas em “estudos de envelhecimento” frequentemente fazem agora uma distinção entre dois grupos: os que estão na “terceira idade” e aqueles já na “quarta idade”. Aqueles na terceira idade, também chamados de “velhos jovens” ou no “final da meia-idade”, podem ser aposentados mas (ao menos no tempo sem COVID-19) ainda permaneciam, em algum nível, socialmente visíveis. São contrastados com os membros da “quarta idade”, também referidos como “velhos velhos” ou “idosos frágeis”, ou ainda aqueles em “profunda velhice” (Twigg, 2004; Thane, 2005; Calasanti; Slevin; King, 2006; Marshall, 2015). Os últimos são aqueles severamente debilitados, reclusos em casa ou em asilos, com necessidade de cuidados extensivos para satisfazer as necessidades físicas básicas. É a condição destes que inspira mais horror e repulsa, sendo frequentemente tratados como objetos desamparados.

Em contraste com a aterrorizante debilidade da quarta idade, as pessoas na terceira idade são encorajadas, ainda que mesmo assim sejam vistas como o “outro”, a se considerarem vibrantes “adultos ativos”, que, desde que não “se deixem levar”, continuam sendo membros respeitados da sociedade. Não obstante, “o outro interior” continua a espreitar, ainda que se façam esforços levianos para suprimi-lo. Como Beauvoir diz, o status social daqueles que são velhos sempre lhes é dado por outros (Beauvoir, 1970a, p. 94; 1972, p. 85; 1970b, v. I, p. 96). Um status social mais elevado pode, é claro, ser concedido a alguns poucos velhos (mais frequentemente, ricos, homens e brancos), ao menos até a quarta idade: são aqueles cujo privilégio, riqueza ou poder pode comprar-lhes o respeito, “a despeito de sua idade”, ou então aqueles admirados por serem “verdadeiramente notáveis para a sua idade”. No entanto, são exceções que provam a regra, pois, dizer a uma pessoa que ela “parece ter a idade que tem”, é muito raramente um elogio depois que se passa da idade adulta-jovem. E observações que aparentam ser positivas, frequentemente feitas a pessoas da terceira-idade, como “você não aparenta ter a idade que tem” ou “você não parece estar nem um dia mais velho” (como me disse recentemente num congresso alguém que eu não via há uma década), são sarcásticas. O que elas realmente significam é, “embora você pareça velha, escolho não te chamar disso”.

Ainda mais e paradoxalmente, ao mesmo tempo que são “o Outro” e são considerados supérfluos, alguns seguimentos de idosos se tornaram importantes como mercado para numerosos produtos e serviços. Em adição aos serviços médicos, pessoas da quarta-idade (ao menos os mais abastados) alimentam uma enorme e comoditizada indústria de asilos, enquanto pessoas da terceira-idade também movimentam uma vasta variedade de indústrias ligadas ao objetivo do “envelhecimento bem-sucedido”, de “permanecer jovem”. O marketing (especialmente, mas não exclusivamente, para mulheres brancas de classe alta e média-alta) de regimes altamente disciplinados de dieta, exercício e cuidados com a saúde – livros especializados, suplementos de saúde, aulas de “manutenção da forma” e yoga, e assim por diante – faz a promessa de postergar a velhice. Em adição a essas disciplinas corporais, roupas apropriadas e “cuidados de beleza”, talvez com cirurgias cosméticas por preços elevados, também são requeridos para que as pessoas da terceira idade “bem-sucedidas” se mantenham “jovens”. E, é claro, é essencial “manter-se ativo”, “manter-se ocupado”, ainda que as atividades desempenhadas tenham se tornado pouco mais que passatempos, meros esforços para se evadir do tédio.

Entretanto, o envelhecimento bem-sucedido faz parecer que o fracasso de alguém em “envelhecer bem”, quando ocorre (como certamente ocorrerá, em algum momento), seja culpa da própria pessoa. Ao atribuir a responsabilidade ao indivíduo, desconsideram-se muitos fatores – como a genética, a poluição, a pobreza, a raça – que podem moldar as debilidades da velhice tardia (Ehrenreich, 2018, p. 162-180; vejam-se também Baars, 2012, p. 58-74; Marshall, 2015, p. 55-59). Portanto, a mensagem que sintoniza excelentemente com o *ethos* do neoliberalismo

é que a sociedade tem pouca responsabilidade para com o bem-estar dos velhos.¹⁶ É claro, se importar com o próprio bem-estar (e também com o de outros) e estar significativamente engajado no mundo são objetivos importantes para todos os seres humanos em todas as idades, incluindo (por tanto tempo quanto possível) a velhice. Contudo, como a mensagem central é como permanecer jovem, o envelhecimento bem-sucedido não só encaminha os indivíduos ao fracasso pessoal, mas também reforça a cultura geral de aversão à velhice. Visando a diferir sua chegada temível para um ponto posterior no tempo, o envelhecimento com sucesso é acompanhado pelo persistente subtexto de que ter-se tornado um dos velhos (mas “não, não, você não é isso – ainda!”) é, de fato, tornar-se parte, nas palavras de Beauvoir, de “uma espécie diferente”.

Em nossa sociedade dirigida pelo mercado e que faz contabilidade dos custos, os velhos não são somente vistos como supérfluos, mas também como um fardo economicamente injustificável. Embora muitos possam realizar trabalhos de “cuidado” não pagos (talvez tomando conta dos netos, de seus próprios parceiros ou de outros indivíduos necessitados), de um ponto de vista “produtivo” são tidos como inúteis: “puro desperdício [*pur déchet*]”, como Beauvoir abertamente expôs (Beauvoir, 1970a, p. 13; 1972, p. 6; 1970b, v. I, p. 11). Isso ficou visível não só nas discussões e práticas tácitas de “triagem” durante a COVID-19, mas também na enxurrada de acusações agora feitas contra a geração “*baby boomer*”: que indevidamente eles aumentam o custo social da atenção médica e – já que muitos vivem tempo demais – estão falindo os sistemas de previdência social e pensões em detrimento das gerações futuras.¹⁷ Ao mesmo tempo, se perversamente persistem economicamente ativos, ainda empregados durante a “terceira-idade”, então estão roubando os empregos dos jovens. Assim, embora tornados amplamente invisíveis enquanto indivíduos, seres humanos de carne e osso, os velhos permanecem visíveis como uma massa anônima e sombria. São um “Outro” à espreita que ameaça o bem-estar da “sociedade” da qual não são mais parte. São tópico de muitas análises estatísticas abstratas e debates por economistas e *experts* em políticas públicas, sendo submetidos a pesquisas extensas que os objetificam, realizadas por gerontologistas médicos e sociais, bem como por especialistas em estudos de envelhecimento.

Contrária a essa corrente predominante, há, todavia, uma corrente de análise crítica visando a desafiar as abordagens dominantes que objetificam os velhos, extraindo significantes recursos conceituais da teoria feminista (por exemplo, Gullette (1997); Woodward (1999); Twigg (2004); Gullette (2013); Marshall (2015)) ou, às vezes, da teoria pós-colonial (por exemplo, van Dyk (2016); Zimmerman (2016)). Alguns desses pensadores tendem ainda a tratar os velhos como uma única categoria monolítica,¹⁸ mas outros insistem que, embora as opressões

¹⁶ Como Bárbara Ehrenreich vigorosamente observa, “a literatura do envelhecimento bem-sucedido insiste que uma vida longa e saudável está ao alcance de qualquer um que se submeta à disciplina necessária. Depende de você e somente de você... Também não há pouca ou nenhuma preocupação com os fatores materiais que influenciam a saúde de uma pessoa mais velha, como a riqueza ou o acesso a transporte e suporte social. Exceto por seu *personal trainer* ou por seu guru do “envelhecimento bem-sucedido”, você está sozinho” (Ehrenreich, 2018, p. 165). Para uma visão mais comemorativa do que chamam de “novo envelhecer”, vejam-se Chris Gilleard e Paul Higgs: “O ‘novo envelhecer’ como prática, narrativa e como experiência tornou mais possível do que previamente que o corpo, no final da vida, se torne um local para a expressão de identidades e estilos de vida que não sejam envelhecidos, que não sejam anciãos” (Gilleard and Higgs, 2013, p. 31).

¹⁷ Para uma visão geral e refutação do argumento de que os velhos tenham um “dever social de morrer”, bem como para uma crítica do que ela chama de “acionamento por idade” e – mais diretamente – “limpeza geracional”, veja-se Overall (2003, especialmente, cap. 2 e 3). Veja-se também Segal (2013, esp. 39-73), para uma discussão dos ataques contra a “geração Baby Boomer”. Glenda Laws observa que, quando eram jovens, a geração baby boomer também reclamava que a geração anterior, que se beneficiou do “New Deal” e da lei GI no pós-guerra, tinha feito isso às suas custas (Laws, 1995, p. 117).

¹⁸ O trabalho de Gullette, por exemplo, presta pouca atenção nas diferenças de raça e de classe social. Harm-Peer Zimmerman, seguindo Gayatri Spivak, pergunta: “Podem os idosos falar?”, mas apresenta os velhos como um sujeito “colonizado” indiferenciado em sua resposta (Zimmerman, 2016). Similarmente, Silke van Dyk argumenta que o “olhar jovem” é análogo ao “olhar branco”, mas não considera as formas pelas quais idade e raça também são diferentes ou como podem se influenciar mutuamente (van Dyk, 2016).

da velhice sejam *sui generis*, devem também ser examinadas em suas complexas interseções com outras estruturas de opressão. Assim, por exemplo, Toni Calasanti e Kathleen Slevin argumentam, de uma perspectiva feminista, que “a velhice não apenas exacerba outras desigualdades, mas é um local social por si só, causando perda de poder a todos aqueles designados ‘velhos’, independentemente de suas vantagens noutras hierarquias”. As opressões da velhice, elas continuam, existem “além de desigualdades como as de raça, etnia, sexualidade, classe ou gênero. O ponto em que alguém se torna ‘velho’ varia de acordo com essas outras desigualdades” (Calasanti; Slevin, 2016, p. 5). De modo similar, Neal King argumenta que a “desvantagem cumulativa” que acomete aqueles cuja exploração econômica é moldada pela raça, classe e/ou gênero se torna mais visível quando examinadas as formas de trabalho (frequentemente não pago), os padrões de consumo e as relações de dependência (pública e pessoal) dos velhos (King, 2006, p. 47-74). Sue Westwood, escrevendo recentemente, em 2019, aponta ainda a urgente necessidade de mais abordagens interseccionais em relação à velhice: embora alguns estudos atuais explorem a experiência da velhice dentro de subgrupos específicos, esse trabalho continua trancado em “silos” separados. Assim, faltam estudos interseccionais “em relação ao envelhecimento como um todo”, a heterogeneidade dos velhos continuando a ser obscurecida (Westwood, 2019, p. 4).

Mas se a teoria feminista se tornou uma espécie de recurso para os estudos críticos sobre o envelhecimento, eu então me pergunto: é a velhice abordada na própria teoria feminista? Devo confessar que, embora tenha escrito durante muitos anos sobre questões de gênero e representação, de identidade e de diferença, não havia pensado em me fazer essa pergunta e (exceto por uma breve discussão, veja-se Kruks, 2012, p. 81-89) não abordei a velhice em meus trabalhos anteriores. Comecei a buscar nas minhas estantes de livros, examinando as muitas décadas de trabalho sobre estudos de mulheres e teoria feminista nelas presentes. Essa busca revelou que, com raras exceções (e essas mais frequentemente abordam o final da meia-idade; vejam-se especialmente Peasal, 1997; e Walker, 1999), as vidas de mulheres mais velhas, independentemente de classe, raça, etnia, sexualidade ou capacidade, têm há muito estado – e ainda estão – visivelmente ausentes da teoria feminista. Ironicamente, embora a teoria crítica do envelhecimento se baseie na teoria feminista, o contrário não é verdadeiro!

Com o tempo, o feminismo se tornou mais atento a diferenças tanto experienciais quanto estruturais entre mulheres, ocorrendo recentemente algumas reconfigurações importantes da política e da teoria feministas, para abordar políticas transgênero e o movimento *Black Lives Matter*. Engajamentos com as áreas emergentes de teorias decoloniais e *queer* também mostraram desafios importantes e novos pontos de vista para a teoria feminista. Mesmo assim, apesar de algumas exceções, o que Beauvoir chama de “conspiração do silêncio” sobre a velhice ainda persiste tanto aqui como na sociedade como um todo. Como consequência, a teoria feminista tacitamente reforça a alteridade da pessoa velha. Há discussões insuficientes sobre corpos velhos nos agora volumosos tratados sobre corporeidade na teoria feminista. Igualmente, a velhice é uma categoria ausente, de modo geral, em análises teóricas de poder e privilégio, de marginalização e de interseccionalidade. Raramente se explora, nas pesquisas feministas, como, por exemplo, a velhice pode aumentar os danos da pobreza, o fardo de não ser branco, de não ser heterossexual ou de ter uma deficiência.

Certamente não sou a primeira a apontar a inquietante omissão da velhice nas preocupações do feminismo, em geral, ou na teoria feminista em particular. Essa omissão é, em si, muito velha.¹⁹ A Segunda Onda do feminismo surgiu nos anos 1970, em significativa medida

¹⁹ Por exemplo, somente um ensaio diz descrever as experiências da “mulher envelhecendo” na antiga e icônica antologia de Robin Morgan, *Sisterhood is Powerful*. Esse ensaio não é, contudo, sobre mulheres velhas, mas sobre a experiência de sentir-se obsoleta no início da meia-idade, a autora se identificando como alguém de quarenta e três anos (Moss, 1970, p. 170). Esse ensaio é típico de muitos trabalhos feministas sobre o “envelhecimento”: o foco são as experiências de meia-idade, envolvendo desrespeito e rejeição que já afligem mulheres muito antes que a velhice chegue. De fato, Margaret Gullette molda seu influente livro *Declining to Decline*, frequentemente

como uma revolta de mulheres jovens contra a vida e os valores limitados da geração de suas mães, suas críticas frequentemente carregando uma rejeição hostil não só aos costumes velhos, como também às mulheres mais velhas. Todavia, há quarenta anos Andre Lorde alertou com precisão, em *Age, Race, Class and Sex*, que “o ‘hiato geracional’ é uma ferramenta importante para qualquer sociedade repressiva” (Lorde, 1980/1984, p. 117). E ela continua: “se os membros mais jovens de uma comunidade virem os mais velhos como desprezíveis, suspeitos ou excedentes, nunca serão capazes de se juntar e examinar as memórias vivas da mesma comunidade, nem fazer a pergunta tão importante: ‘Por quê?’” (Lorde, 1980/1984, p. 117).

Nesse ínterim, algumas poucas vozes, de tempos em tempos, têm-se de fato levantado, vozes exaltadas, chamando a atenção para a exclusão dos velhos (ou, mais frequentemente, das pessoas de meia-idade) do feminismo e das pesquisas feministas. Por exemplo, em uma conferência da *National Women’s Studies Association* (NWSA) (Associação Nacional dos Estudos de Mulheres), em 1985, Barbara MacDonald afirmou, em tom acusatório: “Abro suas publicações feministas e nunca li sobre qualquer grupo de mulheres mais jovens enfurecidas ou marchando ou organizando algum suporte jurídico em virtude de qualquer coisa que tenha ocorrido a uma mulher velha” (MacDonald, 1986, p. 20).

Mais de uma década depois, Margaret Gullette ressaltou que “não é verdade, e nunca foi, que o movimento possa focar nos ganhos para mulheres jovens, entendendo que se traduziriam automaticamente em ganhos para as mesmas mulheres à medida em que envelhecem” (Gullette, 1997, p. 237). Ainda mais recentemente, Toni Calasanti e Kathleen Slevin declararam diretamente que “um involuntário, mas pernicioso etarismo sobrecarrega muitos dos estudos e do ativismo feminista” (Calasanti; Slevin, 2006, p. 1).

Entretanto, muitas dessas chamadas de atenção para a velhice continuam a ser ignoradas. Mais preocupantemente, a velhice não está sendo discutida dentro dos paradigmas de interseccionalidade que agora predominam na teoria feminista – onde a velhice clama por ser abordada. Seja-me permitido dar alguns exemplos. Recebi recentemente a versão atualizada da declaração da missão da *Association for Feminist Ethics and Social Theory* (FEAST) (Associação para a Ética Feminista e Teoria Social), que anuncia o intento de a associação abordar “novos entendimentos de conceitos e preocupações éticas e políticas” em relação a muitas “mulheres sub-representadas e marginalizadas”. Esses grupos são listados, incluindo mulheres “BIPOC, do Terceiro Mundo, deficientes e LGBTQIA+”, mas mulheres velhas não são mencionadas em lugar algum (ou presume-se que todas sejamos incluídas na categoria “deficientes”?).²⁰ Similarmente, uma visão geral de livros recentes sobre interseccionalidade revela a ubiquidade da invisibilidade da velhice. Por exemplo, a velhice é mencionada somente duas vezes (e apenas muito brevemente) nos múltiplos estudos agrupados em *Intersectionality: A Foundations and Frontiers Reader* (Grzanka, 2014). Ela não é em absoluto abordada em *Intersectionality* (Collins; Bilge, 2016) e não é discutida entre as “outras categorias sociais” em *Categories We Live By: The Construction of Sex, Gender, Race and Other Social Categories* (Ásta, 2018). Do mesmo modo, numa edição especial de *Signs*, “Toward a Field of Intersectionality Studies”, os organizadores se referem, na introdução, à interseccionalidade como um “ponto nodal” para examinar as “dinâmicas de raça, gênero, classe, sexualidade, nação e outras desigualdades” (Cho; Crenshaw; McCall, 2013, p. 788), mas a velhice não é abordada. A “Interseccionalidade”, elas escrevem, “viajou para espaços e discursos que são eles mesmos constituídos por relações de poder e estão longe de ser transparentes” (Cho; Crenshaw; McCall, 2013, p. 789). De fato, isso é verdade! Que a velhice é um local destacado de opressão é obscurecido – e, portanto, tacitamente reforçado – pelo próprio silêncio das autoras sobre o assunto.

citado como sendo sobre a “velhice”, como um apelo às armas contra o que ela chama de “meio-idadismo” (Gullette, 1997).

²⁰ Essa declaração pode ser encontrada em: <https://www.afeast.org/mission/>.

Se a teoria feminista pretende consumir sua missão como um corpo de teoria crítica que lida com opressões atuais de modo a informar práticas políticas de resistência, então precisa urgentemente alargar seu âmbito para examinar a velhice. Pois a velhice é tanto uma área de opressão social em si mesma como um local no qual outras opressões que se interseccionam também estão em jogo. Muitas das questões centrais que preocupam o feminismo e a teoria feminista, incluindo os diferenciais de poder e alteridade de raça, classe, gênero, sexualidade, capacidade, nacionalidade e assim por diante, bem como suas intersecções, não desaparecem na velhice, mas são frequentemente exacerbadas, em aspectos específicos, com a idade. Para dar alguns exemplos: a heteronormatividade ainda pode profundamente afetar os velhos, mas de um modo particular, pois asilos para os “idosos” não acomodam confortavelmente casais gays ou lésbicos; e ser velho e transgênero pode ser extremamente desafiador, especialmente em situações em que os corpos devem ser expostos aos cuidadores e à equipe médica. Normas predominantes sobre a beleza feminina apresentam o corpo ideal de uma mulher não só como branca, mas também jovem, e mulheres velhas frequentemente sofrem muito à medida que são vistas (e veem a si mesmas) fora dos padrões da juventude, bem como da feminilidade. Como Lyanne Segal, uma feminista ativista de longa data, ironicamente observa: “Enquanto feministas, conscientemente desdenhamos dos ditames da cultura da beleza jovem. Era fácil fazê-lo quando éramos jovens e, portanto, menos vulneráveis a sermos vistas como intrinsecamente fora do padrão. Ainda assim nos mantivemos despreparadas para a consternação, os medos, a ansiedade, para muitas até mesmo o súbito horror que podem ser experimentados pela mulher que envelhece quando olha no espelho e vê uma face que não pode aceitar, ainda que seja estranhamente familiar” (Segal, 2013, p. 12).

Além disso, mulheres velhas permanecem vulneráveis à violência sexualizada, ao mesmo tempo que correm mais riscos de outras formas de violência de gênero, como assaltos e abusos de “cuidadores”. Para mulheres velhas não-brancas, a violência racial também permanece uma ameaça. Nem será preciso dizer que os efeitos cumulativos dos salários anteriormente mais baixos (o que é, por si, um efeito de classe social, raça e nacionalidade, bem como do tempo gasto em ter e criar filhos) com frequência reduzem drasticamente a renda e outros recursos das mulheres na velhice. Embora nem todas as mulheres sejam pobres, a “feminização” da pobreza de mulheres na velhice é tão generalizada que se torna um truísmo, sendo especialmente o caso de muitas mulheres solteiras.

No entanto, a cumplicidade da teoria feminista com a “conspiração do silêncio” faz mais do que contribuir para a exclusão e alteridade dos velhos – ela também inibe o próprio teorizar. Pois tanto as considerações teóricas quanto práticas de problemas como vulnerabilidade, poder, justiça ou liberdade são dificultadas se não se abordam as especificidades da vida na velhice. Adicionalmente, a velhice levanta seus próprios questionamentos para discussões concernentes às possibilidades de resistência política e mudança. Diferentemente dos jovens, e mesmo das pessoas na meia-idade, os idosos não são, em geral, inclinados a “sair da calçada e ir para o meio das ruas” (Gullette, 1997, p. 241): não se veem muitas pessoas idosas em marchas de mulheres ou em demonstrações do *Black Lives Matter*, por exemplo. Os velhos não são as pessoas mais prováveis em trabalhos comuns ou espaços sociais a partir de onde poderiam se organizar politicamente. Assim, talvez ainda mais fortemente do que outros grupos oprimidos, os velhos precisem da solidariedade dos outros – e, para que isso se desenvolva, a “conspiração do silêncio” deve ser desafiada. Mas como? Questionamentos devem ser levantados sobre a possibilidade do que María Lugones chama de “‘world’-travelling” (“viagem pelo ‘mundo’”, Lugones, 1990), mas agora entre aqueles que também habitam mundos de diferentes idades. Pois mesmo se esforços de boa-fé forem feitos, o quanto podem as experiências opressivas da velhice serem compreendidas por aqueles que (ainda) não as vivem? Como, de fato, podem os próprios velhos compreender as diferenças múltiplas e, ainda assim, similares das experiências de uns e de outros?

Não há respostas fáceis para essas questões e não vou tentar sugerir respostas aqui. Ao invés disso, numa conclusão que espero seja um convite para iniciar a conversa, retorno a

Beauvoir. Ela começa *A velhice* narrando a história de como, quando o jovem Siddhartha deixou seu palácio pela primeira vez, ficou admirado de ver uma criatura estranha e manca na estrada: um homem velho. Diferentemente da maioria das pessoas, imediatamente se reconheceu no homem, dizendo: “eu mesmo sou a futura moradia da velhice” (Beauvoir, 1970a, p. 7; 1972, p. 1; 1970b, v. I, p. 5). Beauvoir nos incita a fazer o mesmo – e sua fenomenologia pioneira da velhice é uma importante contribuição para desmontar a “conspiração do silêncio” sobre os velhos e permitir que sejam ouvidos por aqueles que são jovens. No lugar de fugir dos velhos com horror, na tentativa de jogá-los na obscuridade como uma “espécie estrangeira”, devemos nos empenhar (ainda que possamos frequentemente fracassar) na difícil tarefa de tentar reconhecer que nós somos eles e eles são nós. “Deixemo-nos reconhecer nós mesmos nesse homem velho, nessa mulher velha” – escreve Beauvoir: “Nós devemos fazê-lo, se quisermos assumir nossa condição humana em sua totalidade. Uma vez feito isso, não mais aceitaremos a miséria da última idade com indiferença. Sentiremos que nós mesmos estamos envolvidos: nós estamos” (Beauvoir, 1970a, p. 11-12; 1972, p. 5, 1970b, v. I, p. 10).

Agradecimentos: Meus mais calorosos agradecimentos aos seguintes amigos e colegas, cujas percepções, comentários e sugestões contribuíram tão grandemente para o nascimento dessa reflexão: Meryl Altman, Luke Ferguson, Derek Hooper, Kate Kirkpatrick, Kathleen Lennon, Marcia Saunders, Jeremy Seabrook, Sara Cohen Shabot, Ben Wisner, and Sandra Zagarell. Uma versão resumida foi apresentada no congresso virtual “Simone de Beauvoir: New Perspectives for the 21st Century” (Simone de Beauvoir: novas perspectivas para o século XXI), organizado pela Universidade de Leuven, em junho de 2021. Agradeço aos organizadores por permitir que esse evento maravilhoso ocorresse em tempos difíceis e aos muitos participantes que fizeram comentários valiosos.

REFERÊNCIAS:

ADMINISTRATION FOR COMMUNITY LIVING (ACL). **2018 profile of African Americans age 65 and over**. Washington, D.C.: U.S. Department of Health and Human Services. 2019.

ÁSTA. **Categories we live by**: The construction of sex, gender, race, and other social categories. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BAARS, Jan. **Aging and the art of living**. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 2012.

BAZELON, Emily. People are dying: Whom do we save first with the vaccine? **New York Times Magazine**, December 24. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. v. I. A realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970b. Disponível também em: <https://doceru.com/doc/nscvnx5>

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. v. II. As relações com o mundo. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970b.

BEAUVOIR, Simone de. **La Vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. v. I. Fatos e Mitos. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. v. II. A Experiência vivida. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **Old Age**. Translated by Patrick O'Brian. London: André Deutsch Ltd. And George Weidenfeld and Nicolson, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. **The Coming of Age**. Translated by Patrick O'Brian. New York: G. P. Putnam and Sons, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. **The second sex**. Trans. Constance Borde and Sheila Malovany-Chevallier. New York: Knopf. 1949/2010.

BEAUVOIR, Simone de. A walk through the land of old age. Trans. Alexander Hertich. Introduction by Oliver Davis. In **Political writings**, ed. Margaret A. Simons and Marybeth Timmermann. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2012.

CALASANTI, Toni; SLEVIN, Kathleen F., ed. 2006. **Age matters**: Realigning feminist thinking. New York: Routledge, 2006

CALASANTI, Toni, SLEVIN, Kathleen F.; KING, Neal. Ageism and feminism: From “et cetera” to center. **NWSA Journal** 18 (1): 13–30, 2006.

CALVERT, Jonathan; ARBUTHNOTT, George. **Failures of state**: The inside story of Britain’s battle with Coronavirus. London: Mudlark, 2021.

CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MCCALL, Leslie. Toward a field of intersectionality studies: Theory, applications, praxis. **Signs: Journal of Women in Culture and Society** 38 (4): 785–810, 2013.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge, UK, and Malden, Mass.: Polity, 2016.

DEUTSCHER, Penelope. Afterlives: Beauvoir’s Old Age and the intersections of The Second Sex. In: **A Companion to Simone de Beauvoir**, ed. Laura Hengehold and Nancy Bauer. Hoboken, N.J.: Wiley Blackwell, 2017.

DEUTSCHER, Penelope. Beauvoir’s Old Age. In **The Cambridge companion to Simone de Beauvoir**, ed. Claudia Card. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

DEUTSCHER, Penelope. **The philosophy of Simone de Beauvoir**: Ambiguity, conversion, resistance. New York: Cambridge University Press, 2008.

EHRENREICH, Barbara. **Natural causes**. New York: Twelve, 2018

FEINSTEIN, Max M. *et al.* Considerations for ventilator triage during the COVID-19 pandemic. **The Lancet**, April 28, 2020.

FORD, Tiffany; REBER, Sarah; REEVES, Richard V. **Race gaps in COVID-19 deaths are even bigger than they appear**. Washington, D.C.: Brookings Institution, June 16, 2020.

GILLEARD, Chris; HIGGS, Paul. **Ageing, corporeality and embodiment**. London and New York: Anthem Press, 2013.

GRZANKA, Patrick A., ed. **Intersectionality: A foundations and frontiers reader**. Boulder, Colo: Westview Press, 2014.

GULLETTE, Margaret M. **Declining to decline: Cultural combat and the politics of the midlife**. Charlottesville: University of Virginia Press, 1997.

GULLETTE, Margaret M. **Agewise: Fighting the new ageism in America**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

HELFAND, Benjamin K. I. *et al.* The exclusion of older persons from vaccine and treatment trials for coronavirus disease 2019—Missing the target. **JAMA Internal Medicine** 180 (11): 1546–49, 2020.

JOHNSON, Colleen L.; BARER, Barbara M. Family lives of aging Black Americans. In **Ways of aging**, ed. Jaber F. Gubrum and James A. Holstein. Malden, Mass.: Blackwell, 2003.

KING, Neal. The lengthening list of oppressions: Age relations and the feminist study of inequality. In **Age matters: Realigning feminist thinking**, ed. Toni Calasanti and Kathleen F. Slavin. New York: Routledge, 2006.

KRUKS, Sonia. **Simone de Beauvoir and the politics of ambiguity**. New York: Oxford University Press, 2012.

LAWS, Glenda. Understanding ageism: Lessons from feminism and postmodernism. **The Gerontologist** 35 (1): 112–18, 1995.

LENNON, Kathleen; WILDE, Anthony. Alienation and affectivity: Beauvoir, Sartre and Levinas on the aging body. **Sartre Studies** 25 (1): 35–51, 2019.

LORDE, Audre. Age, race, class, and sex. In **Sister outsider**. Freedom, Calif.: The Crossing Press, 1980/1984.

LUGONES, María. Playfulness, “world”-travelling, and loving perception. In **Making face, making soul: Haciendo caras**, ed. Gloria Anzaldúa. San Francisco: aunt lute books, 1990.

MACDONALD, Barbara. Outside the sisterhood: Ageism in women’s studies. In **Women and aging**, ed. Jo Alexander et al. Corvallis, Ore.: Calyx Books, 1986.

MARSHALL, Leni. **Age becomes us: Bodies and gender in time**. Albany: SUNY Press, 2015.

MILLER, Sarah Clark. The lived experience of doubling: Simone de Beauvoir’s phenomenology of old age. In **The existential phenomenology of Simone de Beauvoir**, ed. Wendy O’Brien and Lester Embree. Dordrecht: Kluwer, 2001.

MOSS, Zoe. It hurts to be alive and obsolete: The ageing woman. In **Sisterhood is powerful: An anthology of writings from the women’s liberation movement**, ed. Robin Morgan. New York: Random House, 1970.

OVERALL, Christine. **Aging, death, and human longevity**. Berkeley: University of California Press, 2003.

OVERALL, Christine. Old age and ageism, impairment and ableism: Exploring the conceptual and material connections. **NWSA Journal** 18 (1): 126–37, 2006.

PEARSALL, Marilyn. **The other within us**: Feminist explorations of women and aging. Boulder, Colo.: Westview Press, 1997.

SEGAL, Lynne. **Out of time**: The pleasures and the perils of aging. London and New York: Verso, 2013.

SPELLS, Alta. Care rationing could be the next step for overwhelmed hospitals in Utah. **CNN.com**, October 26, 2020.

STOLLER, Silvia, ed. **Simone de Beauvoir's philosophy of age**: Gender, ethics, and time. Berlin and Boston: de Gruyter, 2014.

THANE, Pat, ed. **A history of old age**. London: Thames and Hudson, 2005.

TWIGG, Julia. The body, gender, and age: Feminist insights in social gerontology. **Journal of Aging Studies** 18 (1): 59–73, 2004.

VAN DYK, Silke. The othering of old age: Insights from postcolonial studies. **Journal of Aging Studies** 39 (December): 109–20, 2016.

WALKER, Margaret Urban, ed. **Mothertime**: Women, aging, and ethics. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield, 1999.

WENDELL, Susan. **Old women out of control**: Some thoughts on aging, ethics, and psychosomatic medicine. In *Mother time: Women, aging, and ethics*, ed. Margaret Urban Walker. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield, 1999.

WESTWOOD, Sue. Introduction. In **Ageing, diversity and equality**: Social justice perspectives, ed. Sue Westwood. London and New York: Routledge, 2019.

WOODWARD, Kathleen. Introduction. In **Figuring age**: Women, bodies, generations, ed. Kathleen Woodward. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

ZELNER, Jon *et al.* Racial disparities in COVID-19 mortality are driven by unequal infection risks. **Clinical Infectious Diseases** 72 (5): e88–e95, 2021.

ZIMMERMAN, Harm-Peer. Alienation and alterity: Age in the existentialist discourse on others. **Journal of Aging Studies** 39 (June): 83–95, 2016.